

**MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO E METODOLOGIA DE NARRATIVAS: CONTRIBUIÇÕES,  
ESPECIFICIDADES E POSSIBILIDADES PARA PESQUISA E FORMAÇÃO  
PESSOAL/PROFISSIONAL DE PROFESSORES**

Héllen Thaís Dos Santos, Gilza Maria Zauhy Garms

Eixo 2 - Projetos e práticas de formação continuada  
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

neste artigo apresentamos o método autobiográfico e a metodologia de narrativas, em seguida discutimos a relevância do uso das narrativas autobiográficas nas pesquisas educacionais e comentamos a possibilidade da utilização desse tipo de metodologia na pesquisa educacional e na formação de professores com a proposição de que o professor é uma pessoa que possui seus próprios saberes sobre o trabalho que desempenha. Este trabalho visa, portanto, a esclarecer a razão pela qual o método – cuja relevância está não apenas no peso que tem sobre o processo de formação do professor como também o situa como protagonista desse processo – pode ser utilizado nas pesquisas educacionais. Explicitamos então, a origem do método e seus pressupostos teóricos e realizamos na sequência uma discussão sobre a metodologia de narrativas e o uso delas com o caráter autobiográfico relativas às trajetórias profissionais dos professores e seu poder formativo.

## MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO E METODOLOGIA DE NARRATIVAS: CONTRIBUIÇÕES, ESPECIFICIDADES E POSSIBILIDADES PARA PESQUISA E FORMAÇÃO PESSOAL/PROFISSIONAL DE PROFESSORES

Héllen Thaís Santos<sup>i</sup>; Gilza Maria Zauhy Garms<sup>ii</sup>. UNESP – FCT/P. Prudente.

Financiamento: Governo do Estado de São Paulo<sup>iii</sup>

### O método (auto) biográfico

De acordo com Nóvoa e Finger (2010) a utilização do método (auto) biográfico nas ciências da educação é relativamente recente. Essa perspectiva metodológica surgiu inicialmente na Alemanha no final do século XIX, como uma alternativa sociológica ao positivismo. Aplicada pela primeira vez de forma sistemática em 1920 por sociólogos americanos da Escola de Chicago, logo despertou polêmicas em torno de sua epistemologia. Desde então, seu uso de forma autônoma tem sido reivindicado por estudiosos do método.

Ferraroti (2010) é um dos investigadores que reivindica a autonomia do método biográfico, ou seja, considera as narrativas biográficas como suficientes para compor uma pesquisa legítima e aponta para a necessidade de uma renovação metodológica. As críticas à objetividade que caracterizaram as metodologias positivistas fizeram emergir uma metodologia alternativa: o método biográfico. As grandes explicações estruturais, construídas a partir de categorias muito gerais, não satisfaziam nem aos pesquisadores nem aos sujeitos pesquisados. Nesse sentido, o uso da biografia responde a dupla exigência. Primeiro, a necessidade de uma renovação metodológica provocada pela crise dos instrumentos heurísticos da Sociologia. As técnicas, embora cada vez mais sofisticadas, não correspondiam a nenhum crescimento real do conhecimento sociológico, daí a valorização crescente do método biográfico. Em segundo lugar, o método biográfico correspondeu à exigência de uma nova metodologia diante do “capitalismo avançado”, isto é, uma metodologia que respondesse à necessidade do concreto, para que as pessoas pudessem compreender sua vida cotidiana, suas dificuldades e contradições. Desse modo, o método biográfico foi concebido como a *ciência das mediações* capaz de traduzir comportamentos individuais ou microsociais.

Uma das críticas feitas ao método biográfico é que ele se constitui em uma *aposta científica* que apresenta dois aspectos surpreendentes: o primeiro é a *subjetividade* atribuída como um valor de conhecimento, visto que a realidade é lida do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado, ao passo que a interação pessoal é densa e complexa. No entanto, é a ausência de objetividade o que, aliás, difere o método biográfico das metodologias quantitativas e experimentais, pois os elementos quantitativos são marginais e pouco relevantes já que a biografia como método se sustenta quase que exclusivamente em dados qualitativos.

O segundo aspecto é que, por ser qualitativo, subjetivo e distante de esquemas de hipótese e verificação, o método biográfico projeta-se fora do quadro epistemológico até então estabelecido para as ciências sociais. Entretanto, ele possui uma especificidade heurística, que impede o entendimento das biografias como meramente materiais justapostos, isto é, apenas como protocolos dos conhecimentos sociológicos, traduzidos em informações.

Desse modo, reforça Ferraroti (2010), a utilização inadequada do método, apenas como suporte centrado em informações, deturpa sua real concepção. Ele pode ser utilizado como uma fonte de informações, com todo cuidado, mas essa utilização não deve ser confundida com a especificidade heurística do método biográfico. Portanto, tomar as biografias como “exemplo” ou “caso” empobrece seu uso, pois contraria o pressuposto da subjetividade inerente ao método. Desse modo, tomar uma narrativa biográfica para confirmar certos aspectos e generalizá-los, ou ainda apelar por sua representatividade, nega o caráter do método.

A negação da subjetividade biográfica, isto é, do potencial científico de cada narrativa é um problema metodológico, que pode ser entendido como o problema do grau da representatividade de uma biografia. Quais são os critérios e as condições dessa representatividade? Quando e de que modo uma biografia pode estar na base de conhecimentos sociológicos?

Ferraroti (2010) salienta que, por um lado, a biografia servirá para uma verificação de um modelo interpretativo e será representativa se estruturar-se à volta de elementos que correspondam à projeção das variáveis do modelo no plano de uma vida individual. Porém não pode ser um instrumento de controle como nos modelos formais de investigação, que pretendem confirmar e verificar conhecimentos; pelo contrário, pretende ser fonte de novos conhecimentos. Por outro lado, o papel científico das biografias é ameaçado

pela dificuldade de eleição de uma biografia para compor uma pesquisa, isto é, como se pode escolher para análise uma determinada biografia em detrimento de outra? Evidentemente a escolha de biografias mais representativas do universo social pesquisado dependerá inteiramente do pesquisador e, portanto, do seu sistema de valores. Contudo, frequentemente a biografia transforma-se num relatório de acontecimentos, numa verdadeira ficha sociológica coisificadora. Vai-se ao ponto de voltar a escrever em terceira pessoa e num tom burocrático – *sine ira nec studio*, dizia Max Weber –, não a história de uma existência e de uma experiência humana, mas o seu esqueleto objetivado. A que triste resultado conduziram os paradoxos epistemológicos inerentes ao método (auto) biográfico! (FERRAROTTI, 2010, p. 42).

Embora o método tenha sofrido todos esses questionamentos, que negam seu potencial e especificidade, seu caráter essencial está mantido pela sua historicidade profunda e por sua unicidade.

### **A especificidade do método (auto) biográfico**

Os materiais utilizados podem ser de dois tipos: os materiais primários, isto é, as narrativas (auto)biográficas<sup>iv</sup> recolhidos por um pesquisador por meio de entrevistas, e os materiais biográficos secundários, ou materiais de toda espécie, tais como correspondências, fotografias, documentos oficiais, processos verbais, recortes de jornal etc. O método tradicional sempre deu preferência aos materiais biográficos secundários por apresentarem maior objetividade. Mas, o uso correto do método exige que o pesquisador abandone os privilégios concedidos pelos materiais secundários.

Como destaca Ferrarotti,

Devemos voltar a trazer ao coração do método biográfico os **materiais primários** e sua subjetividade explosiva. Não é só a riqueza do material biográfico primário que nos interessa, mas também, sobretudo, a sua **pregnância subjetiva** no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e **recíproca** entre o narrador e o observador. (FERRAROTTI, 2010, p 43, grifos do autor).

Se é assim, como a subjetividade presente nas narrativas (auto)biográficas podem se tornar objeto de conhecimento científico?

Ferrarotti (2010) explica que a especificidade do método está contida na noção de *práxis humana*, que segundo Marx<sup>v</sup>, se traduz pela essência

humana no conjunto das relações sociais. E toda práxis é reveladora das apropriações que os indivíduos fazem dessas relações e das próprias estruturas sociais. Assim, o processo de interiorização e exteriorização explicita o caráter dinâmico da subjetividade.

Sartre<sup>vi</sup> (apud Ferraroti, 2010) afirma que o homem inventado pela revolução burguesa é o **universal singular** e é por sua práxis que singulariza nos seus atos a universalidade de uma estrutura social. Nesse sentido, se todo indivíduo é o singular do universal social e histórico que o rodeia podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual. Se é legítima a tentativa de ler uma sociedade por meio de uma biografia, é preciso considerar que não se trata apenas da exposição de uma narrativa de experiências vividas pelo outro, mas sim de uma microrrelação social. O “menor dos monólogos não deixa de ser uma tentativa de comunicação e implica o fantasma de um interlocutor” (Ferrarotti, 2010, p. 45). Desse modo, o pesquisador que estimula e recolhe uma narrativa oral é um interlocutor real, que finge ser um fantasma neutro e ausente.

As narrativas biográficas de que nos servimos não são monólogos ditos perante um observador reduzido à tarefa de suporte humano de um gravador. Toda entrevista biográfica é uma interação social completa, um sistema de papéis, de expectativas, de injunções de normas e de valores implícitos e, por vezes, até de sanções. Toda entrevista biográfica esconde tensões, conflitos e hierarquias de poder; apela pelo carisma e para o poder social das instituições científicas relativamente às classes subalternas, desencadeando as reações espontâneas de defesa. (FERRAROTTI, 2010, p. 46).

Ressalvadas as condições estabelecidas pelo método, as narrativas (auto) biográficas se constituem instrumentos de investigação profícuos também para a análise da questão da formação de professores, pois a subjetividade das narrativas individuais (singulares) pode evidenciar o que ocorre no plano social.

Seguimos com a discussão que intenta compreender como se dá a formação do professor por meio do uso da metodologia das narrativas autobiográficas.

**Do método autobiográfico às narrativas autobiográficas como instrumento de investigação e formação pessoal/profissional de professores**

O trabalho com a formação de professores implica a consideração de dois aspectos do que seja uma formação, a partir de dois pontos de vista: o primeiro, do processo de formação do sujeito, o segundo, do ponto de vista do formador/pesquisador, ou seja, da formação enquanto teoria própria da ciência da educação, como afirma Josso:

A palavra formação apresenta uma dificuldade semântica, pois designa tanto a atividade no seu desenvolvimento temporal, como o respectivo resultado. Designando o nosso objeto de investigação pelo próprio conceito de processo de formação, indicávamos mais claramente que nos interessávamos pela compreensão da atividade. Todavia, mantém-se uma ambiguidade, à medida que o conceito utilizado não permite distinguir a ação de formar (do ponto de vista do formador, da pedagogia utilizada e de quem aprende) da ação de formar-se. (JOSSO, 2010, p. 61).

Sobre o processo de formação do sujeito, o que particularmente interessa a este trabalho, o uso da metodologia de investigação de natureza biográfica mostra que a construção da biografia narrativa não é uma narrativa de vida, tal como resultaria da narração de uma história de vida considerada em sua globalidade. É o fruto de um processo de reflexão parcial, a meio caminho do percurso seguido pelo sujeito no decorrer da vida. Cada etapa desse percurso se constitui tanto no fim de uma interrogação como é o ponto de partida de outra. O trabalho com narrativas autobiográficas implica a forte participação do indivíduo que, por sua vez, se compromete com o processo de reflexão, orientado pelo seu interesse, e que o leva a definir e a compreender seu processo de formação.

Baseada nas considerações de Josso (2010) e outros autores a seguir, focalizamos a discussão no percurso dos indivíduos relativo à trajetória profissional para assim compreender diferentes aspectos ligados às questões educacionais.

A utilização desse método visa a não apenas colaborar com a ciência da educação trazendo novas dimensões e conhecimentos como também colocar o sujeito na posição de protagonista de sua formação e do processo de investigação sobre ela.

O método autobiográfico pode ser assim considerado na visão de Esteban (2010, p. 153):

[...] desde vários anos atrás, houve uma progressiva recuperação do método autobiográfico na Antropologia, na Sociologia, na Psicologia Social e na Pedagogia. O ser humano recupera o protagonismo, em relação às excessivas abstrações e à desumanização do cientificismo positivista. Pujadas (1992); Santamarina e Marinas (1995) afirmam que esse fenômeno traz

uma característica ou sintoma de uma época que podemos chamar de sintoma biográfico.

Pesquisas a partir das narrativas autobiográficas estão sendo amplamente utilizadas nos estudos das ciências sociais, pois contribuem para o estudo da forma como os seres humanos experimentam o mundo. Assim ocorre na Pedagogia, porque, por meio das histórias de vida, pode-se descobrir o que os professores conhecem sobre o ensino, como estão organizando seu conhecimento e como ele se transforma a partir da experiência. Desse modo, a história pessoal/profissional pode refletir o discurso dominante entre os professores.

Em outras palavras, narrativas (auto)biográficas são úteis para avaliar a repercussão das experiências de vida e da formação nas práticas profissionais. Todavia, não necessitam estar em consonância com o método autobiográfico, pois por si mesmas se constituem uma metodologia completa.

Alguns autores se referem ao uso desta metodologia, entre os quais Reis (2012), para quem as narrativas<sup>vii</sup> têm em si um potencial investigativo e formativo. Já há algum tempo elas têm sido valorizadas por disciplinas tais como a Psicologia, a Filosofia, a Linguística e a Literatura. E durante as últimas décadas a Educação também tem reconhecido o potencial das narrativas como uma metodologia de pesquisa, de desenvolvimento pessoal e profissional dos professores.

Clandinin e Connelly (1991) consideram os termos narrativa e história sinônimos. Eles propõem a utilização dos termos indiferentemente, tanto no caso em que o texto das histórias se refere a situações concretas vividas por indivíduos particulares em momentos específicos como no caso em que se referem a uma investigação ou metodologia de investigação. De sorte que, na Educação, a narrativa pode ser utilizada para a construção de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades e atitudes, no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores e na própria pesquisa educacional.

Narrativas, orais e escritas, têm sido utilizadas na história humana como recurso educativo e se constituem em instrumento cultural com grande potencial de organização do pensamento e da realidade na estruturação de aprendizagens. Em geral, relatam o desenvolvimento de uma situação provocada pela vivência de tensões e conflitos, reais ou imaginários, e a forma como eles são resolvidos. As experiências narradas pelos outros são significativas na compreensão da realidade, pois o ouvinte/leitor experimenta,

simultaneamente com um certo distanciamento emocional e com uma certa proximidade, uma identificação com a história relatada.

É justamente nesse processo de identificação que se pode encontrar o potencial educativo das narrativas, pois as histórias possuem imagens, mitos e metáforas de cunho moral que contribuem para nosso desenvolvimento como seres humanos. Em outras palavras, as narrativas cujas tramas promovem a reflexão sobre as complexidades da vida preparam-nos, individual ou coletivamente, para o enfrentamento de suas dificuldades e complicações.

O exame de narrativas permite aos professores em formação inicial ou continuada aprenderem, de forma ativa, a desenvolver suas capacidades de análise e decisão, construir conhecimentos e aprender a lidar com situações complexas, desenvolver habilidades de comunicação e estimular a autoconfiança.

Reis (2012) explicita que a construção das narrativas e sua leitura, análise e discussão, em contextos de formação inicial e continuada, possibilitam o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, pois, ao contarem alguns acontecimentos pertinentes a sua profissão, os professores fazem mais do que registrar um acontecimento: mudam as formas de pensar e atuar, sentem-se motivados a inovar suas práticas e manter postura crítica e reflexiva diante de seu desempenho.

Com a construção das narrativas os professores reconstróem suas próprias experiências de ensino e seus itinerários de formação. Tornam, desse modo, explícitos os conhecimentos pedagógicos construídos por meio de suas experiências, o que propicia sua análise, discussão e possibilidade de modificação. A elaboração da narrativa sobre a experiência pedagógica por si só já se constitui em poderoso instrumento de formação pessoal e profissional, além de desencadear o questionamento de competências e ações, a tomada de consciência de saberes, o desejo de mudança e o estabelecimento de compromissos e metas.

Por outro lado, a leitura, a análise e a discussão das narrativas sobre as práticas e conhecimentos dos professores ensinam o aprofundamento e o desenvolvimento de mais conhecimentos sobre o ensino e aprendizagem. Quando os professores são, ao mesmo tempo, atores e autores de suas narrativas, consentem que outros professores tenham acesso aos acontecimentos pessoais e profissionais, seus sucessos e fracassos, suas perspectivas sobre o ensino e a aprendizagem. Outros professores, ao lerem,



analisarem e discutirem as narrativas de seus colegas atribuem a ela um sentido e dela se apropriam de modo muito particular, devido às experiências pelas quais já passaram. E apesar do distanciamento em que estão colocadas as narrativas para quem as lê, ocorrerá uma possível aproximação, uma identificação com os acontecimentos narrados pelo outro. Além do mais, narrativas de professores experientes são fontes de inspiração e conhecimento para os professores mais novos, que serão refletidas em sua vida e em sua profissão.

Preskill e Jacobvitz (2001) explicam que as narrativas, usadas de modo responsável, na formação inicial e continuada, desencadeiam discussões sobre questões educativas importantes e estimulam o professor a reconsiderar suas perspectivas sobre o ensino. Em situações de formação de professores é interessante explorar variados tipos de narrativas, tais como:

a) *Narrativas de crítica social*: uma das funções essenciais dos cursos de formação de professores é estimular os sujeitos a serem mais críticos em relação aos papéis da sociedade e da educação e ajudá-los a compreender o papel histórico da escola diante das injustiças sociais. Muitos professores e estudantes de Pedagogia e de outras licenciaturas desconhecem questões polêmicas como racismo, preconceitos de gênero e de orientação sexual, desrespeito ao diferente, além de desconhecem, por exemplo, questões burocráticas da escola.

Saliente-se, todavia, que não apenas os professores devem ter uma perspectiva histórica e sociológica da escola como instituição e da sociedade em que vivem. Essa tarefa cabe também a todos os profissionais da educação – diretores, coordenadores e supervisores.

b) *Narrativas de aprendizagem*: professores críticos necessitam de conhecimentos a respeito da profissão que lhes permitam tornar-se bons professores. Quando esse tipo de narrativa é feito por professores mais experientes, serve de auxílio aos professores iniciantes, porque os conhecimentos advindos da prática são inegavelmente necessários para o desenvolvimento profissional.

c) *Narrativas de práticas reflexivas*: Ao longo da carreira os professores devem continuar a desenvolver suas competências e este tipo de narrativa se baseia na capacidade dos professores de refletir, questionar e transformar sua prática diária.

d) *Narrativas sobre trajetórias*: se constituem em uma oportunidade para que os professores reflitam sobre sua vida e sua carreira. Esse tipo de

narrativa incorpora todos os outros tipos de narrativas, uma vez que estimula o professor a refletir sobre seu passado e projetar-se no futuro.

e) *Narrativas de esperança*: são capazes de estimular o otimismo e a imaginação porque apontam para a possibilidade de uma educação mais sólida. Além disso, lembram aos professores que podem, com seu trabalho, mudar a vida de crianças e adultos e descobrir o significado e o propósito da educação.

f) *Narrativas de liberdade*: baseiam-se na capacidade de promover mudanças nas práticas convencionais de ensino para alcançar objetivos que antes pareciam inalcançáveis. Centra-se na crítica, na esperança e na reflexão de uma ação audaciosa.

Apesar de as narrativas terem sido apresentadas em tipologias, é importante saber que elas não se encaixam exclusivamente em um determinado tipo, pois numa única trama existem características dos diferentes tipos apresentados.

Reis (2012) explica que as narrativas evidenciam como os professores aprendem uns com os outros em diferentes situações e contextos. E, por meio da leitura e análise dessas narrativas, os professores em formação têm a oportunidade de refletir e aprender sobre os processos de aprendizagem, os impactos de determinadas experiências educativas, os problemas e as dificuldades que enfrentam ao longo de sua carreira, as estratégias que utilizam para superá-las, a importância das práticas colaborativas, entre outros aspectos.

### **As narrativas autobiográficas<sup>viii</sup> como um instrumento de pesquisa em Educação**

Freitas e Galvão (2007) explicam que as narrativas autobiográficas possibilitam perceber como se dá o processo de construção profissional dos sujeitos pesquisados ou até mesmo dos pesquisadores. Para as autoras,

Olhar para o passado pode ajudar-nos a encontrar explicação para significados nas ações que temos hoje como pessoas que foram construindo um percurso pessoal e profissional rico de cruzamentos com os outros e a dar sentido ao nosso posicionamento como professoras e formadoras de professores. As nossas intenções são acadêmicas, mais do que pessoais, embora saibamos que a pessoa e o profissional se interligam e se expressam de um modo completo e integrado [apud] (MOITA, 1995). O recurso à narrativa autobiográfica inscreve-se na ideia de que, ao narrarmos episódios com significado, os analisaremos de uma forma contextualizada, tentando que essa análise ponha

em evidência emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nos tínhamos apercebido. (FREITAS E GALVÃO, 2007, p. 2).

As narrativas autobiográficas constituem assim uma forma de pesquisa que permite captar os movimentos de profissionalização dos professores. Entretanto, a própria construção da metodologia de investigação de um trabalho, pautado na metodologia de uso de narrativas, já se constitui numa narrativa, pois não se pode dissociar a fase de recolha de dados dos percursos singulares que foram sendo construídos pelo pesquisador, de suas próprias histórias como professor e/ou como pesquisador, pois são histórias que dialogaram entre si durante a construção.

Segundo Bolívar (2002) a pesquisa com o uso de narrativas não se refere apenas a uma metodologia qualitativa, mas a uma perspectiva específica para a pesquisa em Educação, a qual pressupõe uma mudança no que se entende como conhecimento em ciências sociais. Ao contrário da abordagem positivista que valoriza a objetividade e reforça o distanciamento entre o pesquisador e o sujeito, as narrativas se assumem subjetivas e valorizam a subjetividade: convidam os sujeitos a falarem sobre si mesmos, dá-lhes a palavra.

As narrativas como metodologia de pesquisa valorizam e exploram as dimensões pessoais dos sujeitos, seus afetos, sentimentos e trajetórias de vida, e levam à percepção da complexidade das interpretações que os sujeitos pesquisados fazem de suas experiências e ações, sucessos e fracassos e dos problemas que enfrentam. Por sua vez, a investigação narrativa recorre às explicações dadas pelos indivíduos para entender as causas, intenções e objetivos que estão por trás das ações humanas.

Além disso,

La investigación biográfica y narrativa en educación, en lugar del modo de cientificidad dominante en la modernidad, reclama otros criterios, superadora del contraste establecido entre objetividad y subjetividad, para basarse en las evidencias originarias del mundo de la vida. Como modo de conocimiento, el relato capta la riqueza y detalles de los significados en los asuntos humanos (motivaciones, sentimientos, deseos o propósitos) que no pueden ser expresados en definiciones, enunciados factuales o proposiciones abstractas, como hace el razonamiento lógico formal. (BOLÍVAR, 2002, p. 3).

O uso de narrativas autobiográficas, isto é, de acordo com método autobiográfico, implica a possibilidade de captar com maior riqueza os

significados expostos na narrativa da ação humana e valoriza a singularidade de cada sujeito de pesquisa.

Então, o que podem nos oferecer a metodologia de narrativas e o método autobiográfico?

A metodologia de narrativas trata de casos diversos com ênfase em determinadas tipologias narrativas que não necessariamente necessitam ser de cunho autobiográfico. O método autobiográfico, como já descrito possui sua especificidade e trata somente das trajetórias de vida pessoais/profissionais dos sujeitos. Ambas as formas de lidar com a pesquisa são opostas às metodologias tradicionais de pesquisa por valorizarem a subjetividade para compreender o que existe por trás da ação humana e apesar demonstram grande proximidade quanto a uso de narrativas orais e/ou escritas advindas dos.

As narrativas autobiográficas com o embasamento teórico do método autobiográfico utilizada para compor uma análise com ênfase nas narrativas de histórias de vida pessoais/profissionais de professores pode revelar a constituição diversos aspectos de interesse de uma investigação educacional. Pois, a escolha desse método qualitativo, que vai além das metodologias qualitativas tradicionais, viabiliza o diálogo, a análise e a discussão sobre diversos aspectos que auxiliam na formação de professores.

### **Referências**

BOLÍVAR, A. (2002). ¿De nobis ipsis silemus? Epistemología de la investigación biográfico-narrativa. **Revista Electrónica de Investigación Educativa (REDIE)**, vol. 4 (1). Disponível em: <<http://redie.ens.uabc.mx/vol4n1/contenido-bolivar.html>>. Acesso em: ago. 2013.

CLANDININ, D. J. CONNELLY, M. **Narrative inquiry: Experience and story in qualitative research**. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1991.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FERRAROTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Orgs). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FREITAS, F. de; GALVÃO, C.. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição**; Ano 04, vol. 12, 2007. Disponível em: <www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: jun. 2013.

JOSSO, M. C. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, A. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010

NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

NURIA, C. REIS, P. G. R. **Narrativas de profesores: reflexiones en torno al desarrollo personal y profesional**. Andalucía: Universidade Internacional de Andalucía, 2012.

REIS, P. G. R. El potencial educativo e investigativo de las narrativas. In: NURIA, C. REIS, P. G. R. **Narrativas de profesores: reflexiones en torno al desarrollo personal y profesional**. Andalucía: Universidade Internacional de Andalucía, 2012, pp. 21-30

---

<sup>i</sup> Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação- UNESP/FCT- Presidente Prudente-SP; integrante do grupo de pesquisa FOPREI da mesma instituição e professora do ensino fundamental I pelo Governo do Estado de São Paulo.

<sup>ii</sup> Professora Doutora do PPGE- UNESP/FCT – Presidente Prudente- SP e coordenadora do grupo de pesquisa FOPREI da mesma instituição.

<sup>iii</sup> Este artigo está relacionado a pesquisa de mestrado: a constituição da profissionalização docente em creche: narrativas autobiográficas, financiada pelo Governo do Estado de São Paulo por meio do programa Bolsa Mestrado e Doutorado da Secretaria Estadual de Educação.

<sup>iv</sup> Aqui podem ser narrativas biográficas: recolhidas por outros e, autobiográficas, um relato direto do próprio sujeito.

<sup>v</sup> Perceba-se que Ferrarotti cita Marx e não o Marxismo, para oferecer pistas sobre a subjetividade inerente ao método.

<sup>vi</sup> Para Sartre, o indivíduo está sempre em relação com os outros. É seu o conceito de “singular-universal”, ou seja, o sujeito não é uma mera contextualização temporal, já que possui uma relação com a atualidade histórica.

<sup>vii</sup> O autor se refere à metodologia de narrativas, mas não trata especificamente do método autobiográfico embora utilize de autores que tratam do método para compor seus estudos.

<sup>viii</sup> Este trabalho utilizará a expressão *narrativas autobiográficas* na análise de narrativas (Capítulo 5) por concordar com os pressupostos do método autobiográfico e por considerar que ela expressa de modo completo o trabalho de pesquisa realizado. Para isso se embasou em autores que se utilizam dessa mesma expressão, como Freitas e Galvão (2007).